



**O PAPEL DA AFETIVIDADE DOCENTE NA PROMOÇÃO DO
ENGAJAMENTO E DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DE ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM CONTEXTO DE INCLUSÃO
EDUCACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL
ANTÔNIO CORREIA LIMA, EM FORTALEZA, CEA**

Maria Ivonice Freitas Araújo¹

RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte do estudo sobre importância da afetividade docente na promoção do engajamento e da participação ativa de estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente em um contexto de inclusão educacional. O foco central é entender de que maneira a relação emocional entre o professor e os alunos influencia o nível de envolvimento e a participação deles nas atividades escolares. Foi adotada uma abordagem qualitativa, utilizando o método de estudo de caso na Escola Municipal Antônio Correia Lima, localizada em Fortaleza, Ceará. O embasamento teórico se concentra na Educação Inclusiva como um paradigma, além de explorar a Afetividade na Prática Docente, com base em autores como Wallon e Vygotsky. Para a coleta de dados, foram realizados com os professores questionários, com o objetivo de reunir informações relevantes sobre as práticas afetivas dos educadores e seu impacto no engajamento dos alunos. A análise e discussão dos resultados indicaram que relações emocionais saudáveis entre educadores e estudantes têm um papel fundamental na elevação da autoestima, motivação e vontade de aprender, com esse efeito sendo especialmente notável entre alunos com necessidades educacionais especiais. Contudo, o estudo também aponta para a falta de formação continuada dos professores em áreas como a afetividade, ressaltando a necessidade urgente de adotar práticas pedagógicas mais centradas no ser humano. Esta pesquisa destaca a importância da afetividade na educação, argumentando que não deve ser vista como um aspecto secundário, mas como um pilar fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Essa questão é particularmente significativa em ambientes inclusivos, onde a apreciação da diversidade emocional dos alunos se torna ainda mais vital. Ao entender a afetividade como uma construção complexa que molda as experiências educativas, podemos avançar em direção a uma prática pedagógica que favoreça o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade.

Palavras-chave: Afetividade Docente; Engajamento Escolar; Inclusão Educacional

¹Mestrado em Ciências da Educação pela UNAES/PY

1. INTRODUÇÃO

A inclusão educacional, vista como uma abordagem pedagógica e social, transcende a mera matrícula de alunos com necessidades especiais em escolas tradicionais. Essa prática demanda uma mudança significativa na cultura das instituições de ensino, onde cada indivíduo é valorizado em sua totalidade. Nesse cenário, a empatia e o engajamento emocional dos educadores se destacam como componentes fundamentais. A afetividade vai além de uma simples demonstração de carinho; ela se configura como uma estratégia pedagógica 18 deliberada, que promove um ambiente acolhedor e seguro. Tal atmosfera é crucial para que todos os alunos, especialmente aqueles em processo de inclusão, se sintam parte da comunidade escolar e motivados a aprender. Stainback e Stainback (1999) propõem um modelo de escolaridade inclusiva que acolhe todos os alunos, reconhecendo suas qualidades únicas.

Como enfatiza Wallon (1992), o ser humano é, por natureza, social e depende das interações com os outros. Vygotsky apud Arantes (2003, p.18-19), afirma que “só se pode compreender adequadamente o pensamento humano, quando se compreende a sua base afetiva. Quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo”. Segundo a teoria de Henri Wallon (1995), a afetividade é fundamental para o desenvolvimento humano, uma vez que a conexão emocional entre educador e aluno oferece a segurança essencial para que a criança se sinta à vontade para explorar e se envolver no processo de aprendizagem. Além disso, a conexão emocional que o educador cria com seus alunos é crucial para o envolvimento deles, desempenhando um papel essencial no aprendizado, na autonomia e no desenvolvimento de competências socioemocionais.

Essa abordagem está alinhada com a visão de Vygotsky (1998), que considera o aprendizado um fenômeno social. Ao estabelecer um ambiente caloroso e afetivo, a escola promove a interação e a mediação, encorajando os 19 alunos a se sentirem confortáveis para se envolver ativamente e colaborar na construção do conhecimento com seus colegas e educadores. Em Vygotsky (2004), o papel fundamental da afetividade na formação do ser humano sustenta que nosso desenvolvimento se dá por meio das interações e trocas sociais. Sem essa dimensão emocional, o interesse e a motivação não podem florescer. Além disso, a afetividade é vista como a força propulsora das ações humanas, com as características emocionais de um indivíduo intimamente ligadas aos seus relacionamentos interpessoais, que são essenciais para seu crescimento e evolução.

Segundo Wallon (1992): A afetividade é uma fase do desenvolvimento humano, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional, portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas, com o predomínio da primeira. As emoções desempenham um papel crucial no crescimento dos alunos, pois é através delas que expressam suas vontades e necessidades. Ao cultivarem vínculos afetivos com os estudantes, os professores contribuem para a formação de um ambiente seguro e acolhedor. Essa conexão pode prevenir bloqueios emocionais e cognitivos, promovendo uma melhor interação entre os alunos e a comunidade escolar.

Ribeiro e Jutras (2006) destacam que promover o afeto cria um ambiente de sala de aula caracterizado por compreensão, confiança, respeito mútuo, motivação e um senso de pertencimento, todos fatores que favorecem a aprendizagem. Portanto, é essencial

considerar o bem-estar emocional tanto dos alunos quanto dos educadores. Arantes afirma que : “Os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia-a-dia”. (ARANTES, 2002, p. 172).

Na educação básica, especialmente em ambientes onde a inclusão é a norma, a habilidade de um professor em estabelecer uma conexão emocional com os alunos é fundamental. Isso envolve mostrar empatia, ouvir atentamente suas opiniões e criar um espaço onde as crianças se sintam seguras e acolhidas. Quando os educadores conseguem isso, os alunos tendem a se envolver mais ativamente em seu aprendizado e a participar com mais frequência. Em contrapartida, a ausência dessa conexão emocional positiva pode prejudicar significativamente o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos, especialmente daqueles com necessidades educacionais. Por outro lado, a ausência de uma conexão emocional positiva entre professores e alunos pode impactar negativamente o desenvolvimento acadêmico e social, especialmente para estudantes com necessidades educacionais especiais.

A construção de um vínculo afetivo saudável entre educadores e alunos é essencial para promover a inclusão nas escolas, pois atua como um catalisador para o envolvimento e a participação dos estudantes, especialmente aqueles que possuem necessidades educacionais especiais. Nesse contexto, surge a seguinte indagação: De que maneira a afetividade do professor, manifestada através de uma relação segura e acolhedora, contribui para o engajamento e a participação ativa de alunos com necessidades educacionais especiais nos primeiros anos do Ensino Fundamental em um ambiente inclusivo?

Este estudo é essencial, pois a habilidade de um educador em estabelecer laços emocionais com seus alunos é vital para o sucesso da educação inclusiva. A verdadeira inclusão, segundo os critérios educacionais, transcende a simples presença de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. Trata-se de criar um ambiente de aprendizado onde todos os estudantes se sintam valorizados e possam participar ativamente. É nesse contexto que a conexão emocional do professor, integrada ao seu método de ensino, pode realmente impactar a experiência educacional. A pesquisa é de grande relevância, pois está sendo realizada na Escola Municipal Antônio Correia Lima, localizada em Fortaleza, Brasil, que serve uma comunidade que enfrenta diversos desafios sociais. Ao analisar a maneira como os educadores expressam empatia em um ambiente marcado por dificuldades sociais e econômicas, podemos adquirir percepções significativas que contribuíram para a melhoria das práticas pedagógicas. Este estudo visa abordar uma lacuna na literatura acadêmica. Apesar de haver investigações sobre afetividade e inclusão, são escassas as análises que fazem uma ligação direta e detalhada entre as práticas afetivas dos educadores e o engajamento e a participação dos alunos nos primeiros anos em contextos inclusivos.

O objetivo desta pesquisa foi: *Analisar como a afetividade dos educadores contribui para o envolvimento e a participação ativa dos alunos nos primeiros anos do ensino fundamental, em um contexto de inclusão educacional. O objetivo é considerar o*

papel do professor na interação com os estudantes e a importância dessa relação para melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Os específicos foram:

1. *Analisar as concepções de professores sobre o que é afetividade e qual o seu papel no processo de ensino-aprendizagem*
2. *Descrever as práticas pedagógicas afetivas adotadas pelos professores para promover o engajamento e a participação dos alunos]*
3. *Identificar como a afetividade docente se manifesta na relação com alunos em processo de inclusão educacional*
4. *Analisar a percepção de alunos e professores sobre a influência da afetividade docente no clima da sala de aula e no seu desempenho escolar.*

De acordo com Mantoan (2015), a inclusão vai além de simplesmente adaptar o aluno; trata-se de uma transformação profunda da escola, que precisa se reinventar em suas políticas, cultura e práticas para abraçar a diversidade. Nesse contexto, o estudante é reconhecido como um elemento essencial da comunidade escolar. É nesse ambiente que a afetividade dos educadores se revela como uma ferramenta fundamental, pois vai além do simples afeto e se transforma em uma prática pedagógica deliberada. Ao estabelecer um ambiente acolhedor e seguro, a afetividade se torna um alicerce que permite a todos os alunos, especialmente os que estão em processo de inclusão, sentirem-se parte do grupo e incentivados a aprender.

Este estudo explorou a relação entre a afetividade dos educadores e o envolvimento ativo dos alunos, abrangendo tanto aqueles com necessidades educacionais especiais quanto os sem, durante os primeiros anos do Ensino Fundamental. A pesquisa foi conduzida na Escola Municipal Antônio Correia Lima, situada em Fortaleza, Ceará, dentro do contexto da inclusão educacional. A análise se concentrará em como as práticas pedagógicas e as interações emocionais dos professores influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças em um ambiente de sala de aula inclusivo. A Escola Municipal Antônio Correia Lima proporciona uma infraestrutura abrangente que favorece tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento dos alunos. A instituição possui instalações fundamentais, incluindo salas de aula, secretaria, direção, coordenação e uma sala destinada aos professores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A afetividade é fundamental em nossa rotina, influenciando nossos interesses sociais, escolhas e a maneira como percebemos o mundo. Ela é vital para o estabelecimento de conexões emocionais profundas, que podem ter um efeito benéfico em nosso bem-estar emocional e no crescimento pessoal de cada um. De acordo com Mahoney e Almeida (2005, p.19-20), a afetividade é definida como a capacidade e a disposição do ser humano para ser influenciado por estímulos, sejam eles internos ou externos, que geram sensações positivas ou negativas. Essa habilidade de ser impactado resulta em uma resposta, que pode se manifestar por meio de reações internas ou externas em resposta à situação.

Mahoney e Almeida (2004, p. 18) destacam que o domínio das emoções é vital para impulsionar e direcionar tanto as atividades motoras quanto os processos de

pensamento. Assim, enquanto as atividades motoras são essenciais para manifestar emoções, a cognição é fundamental na análise das situações que provocam sentimentos e emoções.

Segundo Piaget (conforme mencionado em TAILLE, DANTAS e OLIVEIRA, 1992, p. 66), “as emoções atuam como a força propulsora de nossas ações, enquanto a razão nos capacita a entender nossos anseios e sentimentos, contribuindo, assim, para o nosso êxito”. A teoria de Piaget destaca a importância fundamental das emoções na formação e no impacto sobre nossa inteligência, uma vez que elas podem tanto impulsionar quanto frear o progresso de nossas estruturas cognitivas.

Nesse contexto, é fundamental refletir sobre a análise de Taille (2019) a respeito da concepção de Piaget sobre a conexão entre emoções e cognição. Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações.

Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço (Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p. 77). Piaget, de forma abrangente, defende que a interação desempenha um papel crucial no desenvolvimento intelectual e emocional. De acordo com Lima (2021, p. 48), a inclusão nas escolas deve ser vista não apenas como um direito, mas também como uma responsabilidade compartilhada que demanda o engajamento e a cooperação de todos os participantes do processo educativo. A autora enfatiza que apenas uma abordagem holística pode converter a educação em um instrumento eficaz para promover a equidade e a justiça social.

De acordo com Weber & Aviz (2006, p.136-137): Quando falamos de afeto, de carinho, nós estendemos a uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos.

Segundo Wallon (1968), é com o aparecimento desses elementos que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. Wallon (1968, p. 152) destaca que as emoções, como expressões da afetividade, têm o poder de provocar mudanças que, de maneira paradoxal, podem levar à sua própria diminuição. Ele defende que essas emoções são fundamentais para as experiências de socialização, atuando como uma forma primitiva de conexão e construção comunitária. À medida que as interações sociais evoluem, os modos de expressão se tornam mais sofisticados, transformando-se em ferramentas de sociabilidade cada vez mais especializadas. Com essa especialização, as emoções adquirem significados próprios, resultando em uma dissociação entre a emoção e sua manifestação. Em Wallon, a emoção é fundamental, atuando como a base para o desenvolvimento e mantendo uma ligação constante com a inteligência ao longo da vida. A relação entre o emocional e o cognitivo se revela no que o autor chama de alternância funcional, onde diferentes conjuntos funcionais se sucedem nas atividades, sem que um exclua o outro. Além disso, o autor enfatiza que as emoções se exteriorizam através da afetividade, gerando transformações nas experiências emocionais e nas interações sociais.

Conforme afirmam Leite e Tassoni, a teoria de Wallon destaca que, assim como na evolução, a afetividade é fundamental para o desenvolvimento humano. Conforme LEITE; TASSONI, 2005, p. 5. (...) Wallon (1968) defende que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade.

Chalita (2001) destaca a importância fundamental do afeto no contexto educacional. Em sua obra "Educação: A Solução Está no Afeto", ele argumenta que é essencial promover e cultivar laços afetivos nos ambientes de aprendizagem, a fim de estabelecer um espaço que seja motivador, significativo e acolhedor.

Vygotsky (1998) afirma que "a aprendizagem humana é inerentemente social e envolve um processo pelo qual as crianças se envolvem com a vida intelectual daqueles ao seu redor" (p. 23). De acordo com Vygotsky (1993), a afetividade desempenha um papel crucial no ambiente educacional, podendo gerar tanto impactos positivos quanto negativos. O autor destaca que, para facilitar uma transformação comportamental que beneficie a aprendizagem dos alunos, é essencial fomentar sentimentos de afeto e empatia dentro da escola. Quando a afetividade influencia o processo de aquisição do conhecimento, a conexão entre professor e aluno se torna mais robusta, resultando em uma interação mais eficaz e criando oportunidades para o sucesso na aprendizagem.

De acordo com Vygotsky (2007), a mediação pedagógica desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes. Nesse sentido, a atuação do professor transcende a mera transmissão de informações; é fundamental que ele ajuste suas abordagens de ensino para garantir que todos os alunos, levando em conta suas particularidades, possam se envolver ativamente e desenvolver um aprendizado significativo em um ambiente colaborativo.

3.METODOLOGIA

A investigação foi realizada na Escola Municipal Antônio Correia Lima, que faz parte da rede de ensino de Fortaleza. Esta escola pública é um importante centro de aprendizado urbano no Brasil, administrada pela prefeitura e supervisionada pelo Conselho de Educação. Situada na rua Desembargador Hermes Parahyba, 934, no bairro Vila Velha, a instituição integra a rede pública municipal de ensino. A região onde está localizada apresenta um elevado nível de vulnerabilidade social, evidenciado pela falta de serviços públicos e privados que garantam os direitos sociais, além de lidar com questões de violência na comunidade.

Este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, estruturada como um estudo de caso. A pesquisa se alinha ao paradigma qualitativo, que, segundo Minayo (2009), é fundamental para investigar questões específicas das ciências sociais que não podem ser reduzidas a números.

A abordagem qualitativa concentra-se em entender os significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, que são aspectos essenciais que formam o complexo universo das interações humanas. Segundo a autora, essa metodologia transcende a mera observação dos dados, possibilitando uma análise mais aprofundada dos eventos e a validação da coerência entre as informações fornecidas e os dados numéricos, quando estes estão acessíveis. Na prática, a abordagem qualitativa é essencial para esta pesquisa, pois permite interpretar as perspectivas dos educadores sobre questões como afetividade, engajamento e inclusão. Essa perspectiva destaca a maneira como a afetividade é vivenciada e compreendida no contexto escolar, um aspecto que não poderia ser plenamente abordado apenas através da análise de variáveis. Portanto, a pesquisa foca em explorar o "como" e o "porquê" dos fenômenos sociais.

Para aprofundar esta investigação, foi selecionada a abordagem do estudo de caso. Seguindo a estrutura de Minayo (2009), este método baseia-se na coleta de dados qualitativos de ocorrências do mundo real para explicar, investigar ou retratar fenômenos atuais em seu contexto específico. Essa abordagem envolve um exame detalhado e minucioso de uma única entidade – neste caso, a Escola Municipal Antônio Correia Lima. Isso permite uma compreensão abrangente de quão importantes são as relações professor-aluno em um ambiente inclusivo específico, levando em consideração as características únicas da escola, sua cultura e os desafios socioeconômicos enfrentados em Fortaleza, Ceará.

5.DISSCUSSÕES DE RESULTADOS

Os resultados das entrevistas apontam que, aproximadamente 89%, concordam que seus alunos demonstram motivação intrínseca na maioria das atividades. Esse alto grau de concordância reflete uma perspectiva positiva dos educadores sobre o engajamento dos alunos em suas metodologias de ensino. A motivação intrínseca é crucial para facilitar um aprendizado que seja tanto relevante quanto duradouro. Quando os alunos se envolvem de maneira autêntica em uma atividade, a experiência de aprendizado se transforma em algo não apenas mais eficiente, mas também mais prazeroso.

De acordo com Deci e Ryan (2000), a motivação intrínseca desempenha um papel crucial na autodeterminação e no aprendizado ativo. Essa teoria sugere que quando os alunos são movidos por seus próprios interesses e curiosidade, eles se envolvem de forma mais intensa nas atividades, promovendo um aprendizado que é mais autônomo e proativo. As evidências sugerem que os educadores desta instituição têm conseguido criar um ambiente que favorece a motivação interna dos alunos. Isso é realizado através de métodos pedagógicos que priorizam os interesses individuais dos estudantes, incentivando sua participação ativa no processo de aprendizado.

Essa abordagem reflete a perspectiva de Freire (1996), que defende que "educar é um ato de amor, e não há educação verdadeira sem um espaço onde o aluno possa vivenciar prazer e satisfação". No entanto, a presença de quatro docentes que discordaram da afirmação sugere que essa motivação interna pode não ser uma vivência universal entre todos os alunos. Isso enfatiza a necessidade de uma análise mais aprofundada das práticas pedagógicas, bem como do contexto social e emocional dos estudantes. Como apontado por Carvalho (2021), "os fatores socioeconômicos, culturais e familiares podem influenciar a motivação dos alunos e devem ser considerados ao discutir questões de

engajamento e aprendizado". Diante desse contexto, é fundamental que a escola adote abordagens que promovam um ambiente acolhedor e inclusivo. Pesquisas demonstram que a afetividade nas interações educacionais desempenha um papel vital no sucesso dos alunos. Essa dimensão emocional não deve ser vista como um fator secundário, mas sim como um elemento central que garante que todos os estudantes, especialmente aqueles em processo de inclusão, se sintam confortáveis para se engajar ativamente na vida acadêmica (Goleman, 1995).

Ainda, aproximadamente 89% dos professores entrevistados reconheceram a importância de um vínculo afetivo positivo no processo de aprendizagem, expressando concordância ou total concordância com essa ideia. Esses resultados são significativos, pois evidenciam uma crença comum entre os educadores sobre o impacto que as relações afetivas estabelecidas em sala de aula têm no engajamento e no sucesso dos alunos. A maioria dos educadores que apoiaram a afirmação está alinhada com a literatura atual, que ressalta a relevância da afetividade na educação. Goleman (1995) afirma que "a capacidade de compreender e gerenciar emoções nas relações interpessoais é essencial para o aprendizado", reforçando a ideia de que um ambiente de aprendizado que seja emocionalmente seguro e positivo pode resultar em um desempenho acadêmico mais elevado. Somente um professor, o que corresponde a cerca de 2,9%, declarou não ter uma posição sobre a afirmação, enquanto três professores, aproximadamente 8,6%, expressaram algum nível de desacordo.

A quantidade limitada de discordâncias pode indicar que esses educadores não valorizam a afetividade em suas abordagens ou que encontram obstáculos, como a falta de tempo ou recursos adequados, para incorporá-la em suas interações com os alunos. Carvalho (2021) ressalta que "a formação e a cultura escolar têm um papel crucial na promoção do 77 afeto na educação", sugerindo que o ambiente específico pode influenciar a maneira como os professores percebem essa questão. Dessa forma, as evidências que destacam a importância das conexões emocionais positivas indicam que os educadores reconhecem claramente o papel crucial das relações afetivas no aprendizado. Esse entendimento representa um progresso significativo na construção de uma cultura escolar que vê a afetividade como uma ferramenta pedagógica essencial.

Os dados da pesquisa também revelaram que os dados revelaram que a maioria dos educadores (45%) afirmou adotar essas abordagens de forma sistemática e intencional. Em contraste, 40% indicaram que as utilizam com regularidade, enquanto 15% admitiram fazê-lo apenas ocasionalmente. Esses resultados indicam uma postura majoritariamente positiva em relação à afetividade no ensino, mas também levantam importantes questões sobre a consistência e a intencionalidade dessas práticas. A constatação de que 45% dos professores adotam regularmente práticas afetivas revela que os educadores, em sua maioria, compreendem a importância da conexão emocional para estabelecer um ambiente de aprendizagem saudável e inclusivo. Essa visão está em consonância com a ideia de Goleman (1995), que argumenta que a inteligência emocional não é apenas uma qualidade desejável, mas uma habilidade fundamental que deve ser desenvolvida nas salas de aula. Essa abordagem enfatiza que promover emoções positivas é essencial para o bem-estar emocional dos alunos e para sua participação ativa no processo de aprendizado. A resposta de 40% dos educadores que utilizam regularmente práticas afetivas indica uma escolha consciente por essas metodologias, evidenciando que a afetividade é fundamental na pedagogia. Essa afirmação é corroborada pelo trabalho de Freire (1996), que destaca: "A afetividade, como componente crucial das interações

humanas, desempenha um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem", ressaltando que a conexão emocional entre professores e alunos pode facilitar um diálogo mais produtivo e a construção conjunta do conhecimento.

6,CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou explorar como a conexão emocional de um professor com os alunos impacta seu engajamento e participação ativa em contextos de escolas elementares inclusivas. O estudo focou especificamente nas experiências na Escola Municipal Antônio Correia Lima, em Fortaleza, Ceará. Utilizando uma abordagem qualitativa de estudo de caso, a investigação revelou que vínculos emocionais positivos entre professores e alunos contribuem diretamente para a melhoria da autoestima, motivação e disposição para aprender. Isso foi particularmente evidente entre alunos em situação de vulnerabilidade ou com necessidades educativas específicas. Nesse cenário, a valorização da autoestima e o incentivo ao engajamento através da afetividade dos educadores emergem como elementos fundamentais.

A Escola Municipal Antônio Correia Lima tem se dedicado a estabelecer um ambiente acolhedor e propício ao aprendizado, implementando práticas que visam atender às diversas necessidades de seus alunos, em especial aqueles com demandas educacionais específicas. Ao priorizar a afetividade nas interações pedagógicas, a instituição não apenas busca promover a inclusão, mas também cultivar uma cultura de respeito e aceitação que enriquece a autoestima dos estudantes. A noção de que a afetividade desempenha um papel crucial na aprendizagem é apoiada por várias pesquisas que evidenciam como um ambiente emocionalmente seguro e acolhedor favorece a motivação e o envolvimento dos estudantes.

A afetividade desempenha um papel fundamental no contexto escolar, impactando não apenas a aprendizagem dos alunos, mas também suas interações sociais e o desenvolvimento de sua identidade. Reconhecer as emoções como um elemento essencial da educação é uma tarefa de grande relevância. Vygotsky (1998) ressalta que "o aprendizado acontece dentro das interações sociais e afetivas", indicando que as emoções estão intrinsecamente conectadas ao processo de aprendizado.

O empenho da escola em promover a inclusão e a afetividade demonstra um esforço para estabelecer relações significativas e 97 construtivas entre educadores e alunos, incentivando uma educação holística que reconhece e valoriza cada indivíduo em sua totalidade. De acordo com Wallon (1992), a afetividade é um elemento crucial em todas as fases do desenvolvimento humano. O autor destaca que "a afetividade representa uma etapa primitiva do desenvolvimento", enfatizando que as emoções e os vínculos afetivos são essenciais para que as crianças se sintam seguras e incentivadas durante o aprendizado. Durante a pesquisa, foi viável expandir a compreensão sobre os diversos aspectos da afetividade, entendendo-a como uma construção que abrange as esferas emocionais, cognitivas e sociais do indivíduo.

O engajamento com relevantes contribuições teóricas permitiu fundamentar as discussões de maneira sólida e rigorosa. A evidência de que a afetividade é fundamental para o processo de aprendizagem é corroborada por várias pesquisas que mostram como ambientes que oferecem segurança emocional e acolhimento estimulam a motivação e o engajamento dos alunos. Goleman (1995) argumenta que "a inteligência emocional é um

elemento chave para o sucesso acadêmico", sublinhando a relevância das conexões emocionais na facilitação de um aprendizado significativo. Da mesma forma, Freire (1996) destaca que "o diálogo e a interação são essenciais para a construção do conhecimento", reforçando a importância da afetividade nas relações educacionais. Baseando-se nas perspectivas de acadêmicos que enfatizam a importância de ambientes de aprendizagem emocionalmente acolhedores, podemos construir uma sólida base teórica.

Esse arcabouço destaca como fomentar emoções positivas pode se traduzir em métodos de ensino eficazes. Estratégias como oferecer encorajamento, ouvir atentamente os alunos e cultivar uma atmosfera acolhedora na sala de aula, como sugere Goleman (1995), são cruciais. Essas abordagens ajudam a criar vínculos emocionais que aumentam a motivação e a aprendizagem dos alunos. Esta pesquisa, portanto, enfatiza que a afetividade não deve ser considerada um elemento secundário na educação, mas sim um pilar essencial que fundamenta o processo de ensino-aprendizagem. Isso é especialmente relevante em contextos inclusivos, onde a valorização da diversidade emocional dos alunos se torna ainda mais crucial. Ao reconhecer a afetividade como uma construção complexa que influencia as experiências educativas, podemos progredir em direção a uma prática pedagógica que promova o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, V. A. A afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.) **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Educação inclusiva: um paradigma educacional inovador**. São Paulo: Moderna, 2001.

ANTUNES, C. **A acolhida e o afeto no processo educativo**. In: INSTITUIÇÃO DE ENSINO, 2007.

CARVALHO, R. (2021). Desafios da Implementação de Políticas Educacionais no Brasil: Uma Análise Crítica. **Revista Brasileira de Política Educacional**, 12(3), 45-60, 2021.

FREIRE, P. (1996). **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra., 1996

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. 103 M. F. A. (Orgs.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

PIAGET, Jean: A Representação do Mundo na Criança: com concurso de onze colaboradores. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

STAINBACK, S., & STAINBACK, W. (1999). **Curriculum and Instruction for Students with Severe Disabilities.** Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co. 1999

TARDIF, M. (2002). **Saberes docentes e formação profissional.** Editora., 2002.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. Psicologia, análise e crítica da prática educacional,** Campinas: ANPED, 2000.

TAILLE. OLIVEIRA. DANTAS, Yves De La. Marta Kohl De. Heloysa. **PIAGET, VYGOTSKY E WALLON: teorias psicogenéticas em discussão.** 28^a. ed. SÃO PAULO: SUMMUS, 2019.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 2007.